

Revista Brasileira de Letras, Linguística e Artes

Data de aceite: 29/10/2025

MÃE! E VIDAS SECAS: DIÁLOGOS ECOCRÍTICOS SOBRE A CRISE AMBIENTAL E A RESISTÊNCIA FEMININA

Ana Laura Caldeira Santos

UNICERRADO

<http://lattes.cnpq.br/5705785899608560>

Perla Aparecida Ribeiro Campos

UNICERRADO

<http://lattes.cnpq.br/2930936443115505>

Sara Regina Silvério Marques Silva

UNICERRADO

<http://lattes.cnpq.br/0730355906889568>

Vitória Silva Camargo

UNICERRADO

<http://lattes.cnpq.br/2445668494666381>

Wanice Garcia Barbosa

Professora Doutoranda

UNICERRADO

<http://lattes.cnpq.br/6402133139430717>

Todo o conteúdo desta revista está
licenciado sob a Licença Creative
Commons Atribuição 4.0 Interna-
cional (CC BY 4.0).



Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a interseção entre literatura e cinema sob a perspectiva da Literatura Comparada (2006) de Tânia Carvalhal, com foco nas conexões entre a obra literária *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, e *Mãe!* obra filmica (2017), escrita e dirigida por Darren Aronofsky. A análise se fundamenta na teoria Ecocrítica, mais especificamente no ecofeminismo e na teoria das Três Ecologias (1990) de Félix Guattari para examinar como essas obras refletem a relação entre humanidade e meio ambiente, articulando aspectos sociais, ambientais e psicológicos. Em *Vidas Secas*, a aridez do sertão nordestino evidencia a exploração dos recursos naturais (ecologia ambiental) e a marginalização da família de Fabiano, especialmente de Sinhá Vitória, submetida a uma estrutura patriarcal opressiva (ecologia social). Paralelamente, a obra filmica *mãe!* (2017), propõe uma narrativa simbólica e multifacetada, na qual a protagonista representa a Terra-mãe, vítima do domínio e ganância masculina. Essa leitura ecofeminista ressalta não apenas a destruição ambiental, mas também suas consequências na subjetividade e no equilíbrio emocional (ecologia mental). A partir do diálogo entre literatura e cinema, a comparação dessas obras evidencia a crise socioambiental como um reflexo da crise civilizatória e subjetiva. Quando utilizadas no contexto da educação ambiental, tais narrativas podem estimular uma consciência ecológica crítica, promovendo reflexões sobre sustentabilidade, relações de poder e transformação social.

Palavras-chave: Ecocrítica. Ecofeminismo. Três Ecologias. Educação Ambiental, Sustentabilidade. Literatura e Cinema (literatura comparada)

INTRODUÇÃO

O artigo tem principal objetivo analisar como as obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e o filme *Mãe!*, de Darren Aronofsky,

promovem reflexões críticas sobre a crise ambiental contemporânea por meio de diferentes linguagens artísticas, observadas paralelamente. Através da articulação entre ecocrítica, ecofeminismo e literatura comparada, busca-se compreender como essas narrativas literárias e cinematográficas representam a degradação do meio ambiente, a opressão dos corpos femininos e a ruptura entre o ser humano e a natureza. Como afirma Guattari: “devemos aprender a nos reconectar com o mundo, com o outro e com nós mesmos em três dimensões ecológicas, ambiental, social e mental” (Guattari, 1990, p. 36).

Além da análise estética e simbólica, este artigo tem como finalidade demonstrar o potencial transformador dessas obras no contexto da educação ambiental. Ao explorar a sensibilidade artística como ferramenta pedagógica, pretende-se evidenciar como a arte pode estimular o desenvolvimento de uma consciência ecológica crítica, empática e ética. As abordagens teóricas mobilizadas permitem não apenas interpretar as obras, mas também refletir sobre práticas sustentáveis, justiça ambiental, saberes ancestrais e resistência aos sistemas de dominação opressores.

Espera-se, assim, que o artigo contribua para o fortalecimento do diálogo entre literatura, cinema e meio ambiente no campo acadêmico e educacional, promovendo aprendizagens significativas sobre os impactos socioambientais do modelo de desenvolvimento atual, e incentivando novas formas de relação com a Terra baseadas no cuidado, na responsabilidade e na justiça.

Este estudo parte da interseção entre duas expressivas obras da arte contemporânea e moderna: o filme *Mãe!* (2017), de Darren Aronofsky, e o romance *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos. Com base na literatura comparada e na ecocrítica, busca-se refletir como essas narrativas abordam a relação entre humanidade e meio ambiente, com

foco especial no ecofeminismo e na teoria das Três Ecologias de Félix Guattari. A partir disso, pretende-se demonstrar como a literatura e o cinema são ferramentas eficazes para o despertar da consciência ecológica e para a educação ambiental, através da construção de personagens, enredos e imagens que expõem a degradação da natureza e sua relação com a opressão dos corpos femininos e marginalizados. Como destaca Carvalhal (2006, p. 17), “a literatura comparada se ocupa justamente de estabelecer pontes, de traçar linhas de conexão entre produções diversas para ampliar o campo de interpretação”.

DISCUSSÃO ENTRE E A LITERATURA COMPARADA DAS OBRAS

Essas obras dialogam com a teoria ecocrítica ao evidenciar a violência contra a natureza e seus reflexos sociais. A linguagem simbólica de *Mãe!*, e a linguagem seca de *Vidas Secas*, constroem discursos potentes sobre a relação entre humanidade e meio ambiente. As narrativas criam personagens ligados à natureza e ao sofrimento ambiental, destacam a ausência de voz das mulheres e a exploração do planeta.

Narrativas que expõem o impacto da degradação ambiental, são fundamentais para a formação de uma consciência crítica. Ambas as obras analisadas se destacam por criar enredos em que o colapso ecológico é o cerne da existência humana. A representação do sofrimento ambiental e feminino conduz à reflexão sobre as consequências da modernidade, do patriarcado e do consumo desenfreado.

A literatura e as artes despertam o olhar ecológico, sendo ferramentas essenciais para a educação ambiental. Elas contribuem para a formação de uma consciência crítica, incentivam a valorização dos saberes ancestrais e a busca por modos de vida sustentáveis. *Mãe!* e *Vidas Secas*, propõem análises que denunciam e ressignificam a relação entre o ser humano e a Terra.

SOBRE AS OBRAS

Para Graciliano Ramos (1967, p. 142), há romancistas “que gostam de escrever sobre coisas que existem na realidade” e outros que “preferem tratar de fatos existentes na imaginação” (Ibidem, p. 142).

Publicado em 1938, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, insere-se em um contexto histórico de grandes transformações no Brasil, marcado pelo autoritarismo do Estado Novo, implantado por Getúlio Vargas, e por um projeto de modernização que contrastava fortemente com a realidade das regiões mais pobres do país. Enquanto o governo centralizava o poder e promovia reformas urbanas e industriais, vastas áreas do interior nordestino pertenciam à margem desse processo, assoladas pela seca, pela miséria e pela exclusão social.

A literatura do período, especialmente a que compõe o chamado “romance de 30”, assumiu um papel crítico ao denunciar as contradições sociais do país e dar voz às camadas marginalizadas da população.

É nesse cenário que *Vidas Secas* se destaca como uma das mais expressivas manifestações do romance regionalista modernista, ao retratar com crueza a luta pela sobrevivência de uma família de retirantes no sertão nordestino.

Com uma linguagem seca e direta, que reflete a aridez do ambiente e das relações humanas, Graciliano Ramos constrói uma narrativa fragmentada, marcada pela impessoalidade e pela ausência de sentimentalismo, expondo a degradação física e psicológica dos personagens diante de um sistema opressor. Os protagonistas, quase reduzidos à condição dos seres instintivos, simbolizam a desumanização provocada pela extrema pobreza. Assim, a obra vai além de um simples retrato regional, constituindo-se como uma crítica contundente à estrutura social brasileira e à exclusão histórica de amplas parcelas da população.

O filme *Mãe!* (2017), dirigido por Darren

Aronofsky, é uma obra alegórica e perturbadora que explora temas como criação, destruição, religiosidade e abuso psicológico. Utilizando uma narrativa simbólica e muitas vezes desconcertante, o longa acompanha a história de uma mulher que vê sua casa, metáfora para o mundo ou para a natureza, ser invadida e gradualmente destruída por figuras externas, sob o olhar complacente de seu marido. A estética claustrofóbica, a câmera subjetiva e a ausência de nomes próprios intensificam o desconforto do espectador e contribuem para a atmosfera de angústia crescente. Ao mesclar elementos bíblicos, existenciais e ambientais, *Mãe!* propõe uma crítica visceral à exploração humana da Terra, à vaidade artística e à passividade diante do sofrimento alheio, exigindo do público uma leitura atenta e interpretativa para além da superfície narrativa. Em entrevista, o diretor afirma que “a protagonista representa a Mãe Natureza sendo constantemente violada pela humanidade” (Aronofsky, 2017, apud Conley, 2011, p. 88).

Tanto em *Mãe!* quanto em *Vidas Secas*, a figura feminina é marcada pela invisibilidade e pela ausência de voz, refletindo a opressão e o silenciamento histórico impostos às mulheres. No filme de Darren Aronofsky, a protagonista, simbolicamente chamada apenas de “mãe”, é constantemente ignorada, desrespeitada e manipulada, tendo seus sentimentos e limites anulados por um ambiente dominado por figuras masculinas e invasivas. Sua tentativa de preservar o lar e manter o equilíbrio é sistematicamente desconsiderada, e seu sofrimento é naturalizado. De forma semelhante, em *Vidas Secas*, a personagem Sinhá Vitória é retratada como uma mulher resiliente, mas resignada, que raramente se expressa de maneira plena, tendo seus desejos, como o sonho de possuir uma cama de couro, reduzidos a uma aspiração silenciosa diante da brutalidade da vida no sertão. Em ambos os casos, a mulher é relegada a um papel secundário, sendo tratada

mais como suporte ou símbolo do que como sujeito pleno, o que evidencia uma crítica às estruturas sociais que marginalizam e silenciam o feminino. Seu desejo íntimo é silenciado: “Sinhá Vitória sonhava com uma cama de couro, mas não insistia, era preciso primeiro comprar um burro” (Ramos, 2012, p. 23).

Com suas semelhanças e adversidades, *Vidas Secas* e *Mãe!* têm uma relação socialmente e pessoalmente falando, de sofrimento, dependência emocional. Observando todas essas características da ecocrítica tendo a relação com a natureza, a crise ambiental.

E o ecofeminismo tendo o corpo feminino subjugado à Terra. Temos uma relação com a humanidade, com a atriz de *Mãe!* sendo a invasora consumista e ingrata, mas já em *Vidas Secas*, a Sinhá Vitória era empobrecida, alienada e sobrevivente, e vendo também a crise ecológica, com uma metáfora do colapso ambiental e espiritual no caso do filme. A profundidade de sua obra dialoga muito bem com os temas de *Mãe!* e a crise ecológica. No filme *Mãe!*, a crise ecológica se manifesta como um colapso ambiental e espiritual visceralmente interligado. A casa, enquanto corpo da Mãe Terra, e a protagonista, enquanto sua alma espoliada, sofrem uma violação progressiva. A degradação física do ambiente é um espelho implacável da aniquilação do espírito, não apenas do ser que a representa, mas de toda uma humanidade insaciável.

Nesse cenário de ruína, as palavras de Walter Benjamin ecoam com força premonitória: “Todo documento de cultura é ao mesmo tempo um documento de barbárie” (Sobre o Conceito de História, 1940). Em *Mãe!*, a “cultura” do progresso e da exploração se revela uma barbárie contra a natureza e o próprio espírito humano. A destruição da casa, o esgotamento da Mãe, e o ciclo implacável de repetição no final do filme, ilustram essa verdade incômoda de Benjamin: o que construímos e valorizamos muitas vezes carrega em si as sementes

de nossa própria destruição, da natureza e de nossa essência mais profunda.

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos nos apresenta um realismo cru da degradação ambiental e social que se retroalimentam. A seca inclemente não é apenas um fenômeno climático; ela é a força motriz de um colapso existencial que atinge Fabiano, Sinhá Vitória e seus filhos, reduzindo-os a uma condição quase animalesca. O ambiente árido e hostil, com sua vegetação esparsa e animais morrendo de fome, espelha a desolação interior e a privação de linguagem e humanidade dos personagens. A luta pela sobrevivência, a constante fuga e a exploração por parte do “patrão” e das autoridades são manifestações da barbárie social imposta pela seca.

Nesse contexto de privação e desumanização, a frase de Walter Benjamin ressoa com uma potência ainda maior: “Todo documento de cultura é ao mesmo tempo um documento de barbárie.” (*Sobre o Conceito de História*, 1940). Em *Vidas Secas*, a “cultura” da sobrevivência no sertão – que inclui a resistência, a adaptação e as poucas expressões de afeto – é inseparável da barbárie imposta pelas condições ambientais extremas e pela estrutura social opressora. A miséria, a ignorância e a violência sofridas pela família de Fabiano são as cicatrizes de uma “cultura” que se desenvolve à custa da dignidade humana e do equilíbrio ambiental, transformando a vida em uma luta constante contra a aniquilação, onde a própria esperança de um futuro é uma miragem no horizonte seco.

O paralelo entre *Vidas Secas* e o filme mãe e a citação de Benjamin é muito pertinente, pois o livro mostra como a busca pela “civilização” ou “progresso” (ou mesmo a simples sobrevivência) pode levar a uma profunda desumanização quando não há respeito pela vida, seja ela humana ou ambiental.

A fábula simbólica e apocalíptica sobre o colapso ecológico causado pela ganância e

pelo patriarcado, está de frente para o realismo seco e impiedoso, onde o colapso é cotidiano, lento, sistêmico – e a mulher, como a terra, é relegada ao silêncio e à resistência. Ambas servem como alertas: uma ecológica e metafísica, outra realista e social. E ambas mostram como a crítica literária e cinematográfica podem dialogar com teorias contemporâneas como a ecocrítica e o ecofeminismo.

Num tempo marcado pela crise ecológica e pelo esgotamento dos vínculos humanos com o planeta, a literatura emerge como território fértil para reimaginar nossas relações com o mundo natural. A ecocrítica e o ecofeminismo são abordagens teóricas que, ao dialogarem com a literatura, oferecem caminhos para pensar não apenas o ambiente, mas também os modos como linguagem, cultura e poder moldam nossas percepções da natureza. Inseridas no campo das Literaturas Comparadas, essas perspectivas ampliam o olhar para obras de diferentes culturas e contextos, revelando conexões profundas entre opressões humanas e ambientais.

ECOCRÍTICA: LITERATURA COMO PAISAGEM CRÍTICA

A ecocrítica é uma abordagem interdisciplinar que analisa como a literatura representa a natureza, os espaços ecológicos e a crise ambiental. Originada na década de 1990, especialmente nos Estados Unidos e no Reino Unido, ela desafia a leitura puramente antropocêntrica da literatura ao sugerir que os textos literários também são construções ambientais, revelando tanto o encantamento quanto a destruição do mundo natural.

A ecocrítica não se limita a elogiar a natureza nas obras; ela também denuncia o extrativismo, o colonialismo ambiental, a industrialização e o silenciamento da terra. Um dos princípios centrais da abordagem é a noção de que a cultura e o ambiente estão profundamente entrelaçados, e que a literatura pode

servir como meio de reconstruir a empatia ecológica, despertando uma ética de cuidado pelo planeta.

Mais do que uma mera ferramenta analítica, a ecocrítica é um chamado à ação, um convite para que a literatura não seja apenas um espelho do mundo, mas também uma força transformadora. Ela defende que, ao compreendermos as narrativas ecológicas presentes nas obras literárias, podemos cultivar uma consciência ambiental mais profunda, inspirando novas formas de interação com o planeta. A literatura, nesse sentido, torna-se um campo fértil para a reflexão sobre os dilemas do Antropoceno, oferecendo caminhos para imaginar futuros mais sustentáveis e justos, onde a harmonia entre cultura e natureza possa, enfim, florescer.

Nesse panorama, a ecosofia (1999) de Félix Guattari, desenvolvida em diálogo com o pensamento de Gilles Deleuze, oferece um aprofundamento crucial à ecocrítica. Guattari propõe que a crise ecológica não se restringe ao âmbito ambiental (poluição, desmatamento), mas se estende a dois outros registros igualmente vitais: a ecologia social (que trata das relações humanas e dos modos de organização coletiva) e a ecologia mental (que se refere à subjetividade, aos desejos e à produção de si). Para Guattari, não há solução para a crise ambiental sem uma revolução que abarque esses três domínios interconectados, desafiando as formas capitalísticas de produção de subjetividade e de relação social. É a articulação ético-política entre esses três registros que pode gerar novas práticas de liberdade e de cuidado.

Ao aplicar essa perspectiva às obras literárias, a ecocrítica ampliada por Guattari e Deleuze permite uma leitura que vai além da representação da natureza para investigar as múltiplas ecologias em jogo. Assim, a desolação de uma paisagem em *Vidas Secas* não é apenas um fenômeno físico, mas um

sintoma de um colapso social e mental, onde a própria capacidade de sentir e de se expressar é mutilada. Da mesma forma, em *Mãe!*, a destruição da casa e da psique da protagonista revela como a exploração ambiental está imbricada com a dissolução das relações humanas e a padronização do desejo. A literatura, sob essa luz, torna-se um campo de experimentação e resistência, capaz de mapear os agenciamentos que produzem a barbárie e de fabular outros modos de existência.

Finalmente, ao traçar paralelos entre obras tão distintas como o filme *Mãe!* e o romance *Vidas Secas*, a ecocrítica nos oferece uma lente poderosa para compreender a universalidade da crise ecológica e suas ramificações espirituais e sociais. Em *Mãe!*, a crise ecológica se manifesta como um colapso ambiental e espiritual visceralmente interligado. A casa, enquanto corpo da Mãe Terra, e a protagonista, enquanto sua alma espoliada, sofrem uma violação progressiva. A degradação física do ambiente é um espelho implacável da aniquilação do espírito, não apenas do ser que a representa, mas de toda uma humanidade insaciável. Nesse cenário de ruína, as palavras de Walter Benjamin ecoam com força premonitória: “Todo documento de cultura é ao mesmo tempo um documento de barbárie” (*Sobre o Conceito de História*, 1940). O filme grita que a devastação ambiental é, em essência, a agonia do nosso próprio ser espiritual.

Paralelamente, em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos nos apresenta um realismo cru da degradação ambiental e social que se retroalimentam. A seca inclemente não é apenas um fenômeno climático; ela é a força motriz de um colapso existencial que atinge Fabiano, Sínhá Vitória e seus filhos, reduzindo-os a uma condição quase animalesca. O ambiente árido e hostil espelha a desolação interior e a privação de linguagem e humanidade dos personagens. Aqui, a “cultura” da sobrevivência no sertão, que inclui a resistência e a adaptação,

é inseparável da barbárie imposta pelas condições ambientais extremas e pela estrutura social opressora, confirmando a perspectiva benjaminiana de que a miséria, a ignorância e a violência são as cicatrizes de uma cultura que se desenvolve à custa da dignidade humana e do equilíbrio ambiental.

Seja através da alegoria visceral de Aronofsky sobre a Mãe Terra violada, ou do realismo árido de Graciliano Ramos que expõe a desumanização imposta pela seca, ambas as obras se tornam documentos culturais que, sob a ótica benjaminiana, revelam a barbárie intrínseca de uma relação desequilibrada com o meio ambiente. A análise comparada dessas narrativas, portanto, não apenas enriquece nossa compreensão literária, mas também nos impele a uma reflexão mais profunda sobre nossa própria responsabilidade na construção de um futuro onde a coexistência entre a humanidade e o planeta não seja uma utopia, mas uma realidade possível

ECOFEMINISMO: CORPO, TERRA E RESISTÊNCIA

“Em termos simples, ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico” (Glotfelty; Harold, 1996).

O ecofeminismo surge como vertente do feminismo que entrelaça a luta das mulheres com a luta pela preservação da natureza, destacando como ambas foram historicamente exploradas, dominadas e marginalizadas por sistemas patriarcais e capitalistas. Filósofas como Vandana Shiva, Carolyn Merchant e Val Plumwood foram fundamentais para estabelecer essa conexão, criticando o dualismo natureza/cultura, razão/corpo, homem/mulher, que sustentou a dominação tanto das mulheres quanto da terra.

No campo literário, o ecofeminismo permite ler os corpos femininos e o corpo-terra como territórios atravessados pela opressão, mas também como fontes de resistência e sa-

bedoria. Ao analisar narrativas escritas por mulheres, especialmente em contextos indígenas, africanos, latino-americanos ou de-coloniais, percebe-se a voz ecofeminista na valorização de conhecimentos ancestrais, no cultivo da terra e na denúncia de violações ambientais que afetam, sobretudo, comunidades vulneráveis.

As obras *Mãe!* e *Vidas Secas* oferecem poderosos exemplos de como o ecofeminismo pode ser aplicado na análise da degradação do corpo-terra e do corpo feminino. Em *Mãe!*, a casa, que representa a Terra, é personificada na protagonista, cujo corpo é sistematicamente invadido, abusado e destruído em paralelo com a devastação do ambiente. A violência sofrida por “Mãe” reflete a exploração extrativista e o descaso com a natureza, enquanto sua submissão e sofrimento ecoam a marginalização do feminino em um sistema patriarcal. De forma similar, em *Vidas Secas*, Sinhá Vitória e a caatinga compartilham um destino de privação e resistência.

O corpo exaurido da mulher e a terra árida do sertão são violentados pela seca e pela miséria, forçando-os a um ciclo de sobrevivência precária. A luta de Sinhá Vitória por melhores condições, mesmo que mínima, e a capacidade da terra de brotar em raros momentos de chuva, simbolizam a persistência e a força resiliente do feminino e da natureza frente à adversidade implacável.

LITERATURAS COMPARADAS: CRUZANDO TERRITÓRIOS SIMBÓLICOS

Ao inserirmos a ecocrítica e o ecofeminismo nas Literaturas Comparadas, ampliamos a escuta e o diálogo entre vozes diversas. A comparação entre textos de diferentes regiões e épocas permite perceber que a destruição ambiental e a opressão de corpos dissidentes seguem padrões estruturais, mas também revela a multiplicidade de respostas poéticas,

políticas e espirituais frente a esses desafios.

Por exemplo, ao comparar a poesia ecofeminista de Alda do Espírito Santo em São Tomé e Príncipe com os contos ecológicos de Conceição Evaristo no Brasil, ou com o simbolismo da terra na obra de Toni Morrison nos EUA, vemos que a literatura se torna um solo fértil de pertencimento, memória e cura. Essa leitura comparada permite construir uma ecopoética global, mas sensível às diferenças culturais e históricas.

A aliança entre ecocrítica, ecofeminismo e literaturas comparadas constrói um caminho de resistência à lógica destrutiva do mundo moderno. Ao olhar para a terra e os corpos com escuta sensível, a literatura se torna um lugar de reencontro com a vida em sua totalidade. Mais do que denunciar, ela também semeia esperança, cultivando o cuidado, a escuta, a empatia e a possibilidade de futuros sustentáveis e justos.

As obras *Mãe!* e *Vidas Secas*, embora de mídias e contextos culturais distintos, convergem poderosamente nesse cruzamento de territórios simbólicos. Em *Mãe!*, o corpo da protagonista, que é a própria casa-Terra, é sistematicamente violado e exaurido por uma invasão incessante, refletindo a lógica extrativista e patriarcal que opõe a natureza e o feminino. A performance de Jennifer Lawrence encarna a agonia de um ecossistema sob ataque, onde a degradação física do ambiente espelha a desintegração psíquica e espiritual. O filme, assim, estabelece um diálogo universal sobre a violência do Antropoceno, personificando-a em uma figura feminina que absorve e reflete a devastação ambiental.

Paralelamente, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos oferece um retrato contundente da interconexão entre o corpo e o ambiente em um contexto de extrema privação. A secura da caatinga não é apenas um cenário; ela molda os corpos magros e a linguagem precária dos personagens, em especial Sinhá Vitória, cujo

sofrimento e resiliência se confundem com a própria terra árida. A luta diária pela sobrevivência, a busca incessante por água e pasto, e a submissão a um sistema opressor que explora tanto a terra quanto seus habitantes, revelam como a degradação ambiental se traduz diretamente em uma desumanização e na opressão de corpos femininos e familiares. A obra de Ramos, portanto, ressoa com o ecofeminismo ao evidenciar a mútua vulnerabilidade e a capacidade de persistência da mulher e da natureza diante da exploração.

A importância de estudar essa relação entre o corpo e o meio ambiente por meio de obras como *Mãe!* e *Vidas Secas* reside na capacidade de transcender a mera representação e nos fazer sentir, de forma vívida, as consequências da crise ecológica. Elas demonstram que a questão ambiental não é distante ou abstrata, mas intrinsecamente ligada à nossa existência física e espiritual, aos nossos corpos e à nossa dignidade. Ao compará-las, percebemos padrões de opressão e resistência que se repetem em diferentes latitudes e culturas, reforçando a urgência de uma mudança de paradigma que valorize a vida em sua totalidade e reconheça a inseparabilidade entre o bem-estar do planeta e o bem-estar de seus habitantes.

Nesse sentido, a literatura comparada, aliada à ecocrítica, revela-se não apenas como método analítico, mas como prática de escuta transnacional que rompe com fronteiras geográficas e epistemológicas. Ao aproximar narrativas que colocam em cena a degradação ambiental e o sofrimento dos corpos subalternizados, estabelece-se um campo de solidariedade estética e política entre diferentes povos e territórios. *Mãe!* e *Vidas Secas* tornam-se exemplos paradigmáticos de como a arte pode traduzir, por vias distintas, simbólica e realista, as fissuras de um mundo em colapso. No encontro entre a fábula sombria de Aronofsky e a secura realista de Graciliano Ramos, surge um aprendizado feito de dor, silêncio e resis-

tência. As duas obras nos chamam a ouvir o que a Terra e os corpos calados têm a dizer. Mostrar essas histórias, em palavras ou imagens, é também um gesto de cuidado, uma forma de curar feridas profundas. Recontar o mundo por outros olhos, de outros lugares, é um caminho urgente para imaginar e construir uma vida mais justa, mais consciente e mais conectada com tudo que vive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num tempo marcado pela crise ecológica e pelo esgotamento dos vínculos humanos com o planeta, a literatura e o cinema emergem como territórios de resistência e reimaginação. A ecocrítica e o ecofeminismo, ao dialogarem com essas obras, demonstram como a arte pode denunciar injustiças ambientais e sociais, cultivar empatia e promover mudanças.

Ao analisar *Vidas Secas* e *Mãe!*, percebemos que ambas as obras expõem de forma contundente as diferentes dimensões da crise ambiental, seja no cotidiano opressivo e árido do sertão nordestino, seja na metáfora apocalíptica de um mundo em colapso. Em comum, revelam a sobreposição entre a destruição da natureza e a opressão de corpos femininos, convocando uma leitura sensível às interseções entre ecologia, gênero e desigualdade social.

Além disso, essas narrativas ampliam a nossa compreensão da crise civilizatória que enfrentamos, ao mostrar que os impactos ambientais não são apenas físicos, mas também mentais e culturais. As vozes silenciadas das mulheres, a degradação dos ecossistemas e o individualismo exacerbado são sintomas de um modelo de mundo que precisa ser repensado. A linguagem, nesse contexto, não é neutra: ao contar histórias de resistência, sofrimento e cuidado, ela molda visões de mundo e oferece caminhos alternativos para o futuro.

A análise comparada entre *Vidas Secas*, de

Graciliano Ramos, e *Mãe!*, de Darren Aronofsky, evidencia como linguagens artísticas distintas, o romance modernista e o cinema alegórico contemporâneo, podem convergir na denúncia da degradação ambiental e da opressão dos corpos femininos. Ainda que situadas em contextos históricos e culturais diversos, ambas as obras constroem narrativas em que a crise ecológica e a marginalização do feminino se tornam metáforas da ruptura entre humanidade e natureza, apontando para um colapso que é simultaneamente ambiental, social e espiritual.

Sob a perspectiva da ecocrítica, observa-se que as duas narrativas ultrapassam a função estética e se constituem como dispositivos de reflexão crítica. *Mãe!* escancara, por meio da alegoria da Mãe Terra violentada, a voracidade extrativista do Antropoceno e a repetição destrutiva da lógica patriarcal. Já *Vidas Secas*, ao retratar a desolação da família de Fabiano no sertão nordestino, revela como a seca, fenômeno ambiental, está imbricada com a miséria, a exploração social e a perda da humanidade. Nesse sentido, a literatura e o cinema demonstram seu potencial como paisagens críticas que expõem a barbárie embutida naquilo que chamamos de cultura e progresso, confirmando a advertência de Walter Benjamin de que todo documento de cultura carrega também um documento de barbárie.

O ecofeminismo, por sua vez, possibilitou compreender como a opressão da mulher e a violência contra a Terra se entrelaçam em ambas as narrativas. A protagonista de Aronofsky, constantemente silenciada e subjugada, reflete a vulnerabilidade da natureza diante da exploração humana; já Sinhá Vitória, reduzida ao silêncio e à sobrevivência mínima, espelha a resistência resiliente de um corpo feminino que, assim como a caatinga, insiste em persistir mesmo na aridez. Essas leituras demonstram que pensar a crise ecológica sem reconhecer a exploração histórica do femini-

no é manter uma análise fragmentada e insuficiente.

Ao integrar ecocrítica, ecofeminismo e literatura comparada, este estudo buscou demonstrar que a arte não apenas retrata a crise ambiental contemporânea, mas também a ressignifica, transformando-a em experiência estética e pedagógica. Como campo de escuta sensível, a literatura e o cinema permitem que a educação ambiental vá além da transmissão de informações, mobilizando afetos, empatia e senso ético. Assim, obras como *Mãe! e Vidas Secas* reforçam o papel da arte como instrumento formador de consciência crítica e de resistência aos sistemas opressores.

Em um cenário de emergência climática e de desigualdades sociais persistentes, a relevância desse diálogo é inegável. Reconhecer as interseções entre corpo e terra, entre opressão social e devastação ambiental, é condição fundamental para a construção de alternativas sustentáveis e justas. Ao promover esse debate, a literatura comparada reafirma sua função de ponte entre culturas, saberes e linguagens, ampliando as possibilidades de imaginar futu-

ros diferentes.

Por fim, é fundamental reconhecer que obras como essas podem desempenhar um papel transformador na educação ambiental, não apenas transmitindo informação, mas tocando afetivamente os leitores e espectadores. Pois, tanto a fábula apocalíptica de Aronofsky quanto o realismo árido de Graciliano Ramos nos convocam a um mesmo gesto: escutar os silêncios da Terra e dos corpos subalternizados. Essa escuta, aliada à ação ética e política, é caminho urgente para repensar a relação entre humanidade e planeta. O que essas obras revelam, enfim, é que só será possível enfrentar a crise ecológica contemporânea se reconhucermos, ao mesmo tempo, a dignidade da Terra e a dignidade de todos os seres que nela habitam. Ao provocar incômodo, empatia e reflexão, elas criam aberturas para novas éticas de relação com o planeta, mais sustentáveis, plurais e solidárias. Assim, arte, teoria e educação convergem na construção de uma consciência ecológica crítica, essencial para enfrentar os desafios do século XXI.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*: edição crítica. Organização e tradução de Adalberto Müller e Márcio Seligmann-Silva; notas de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda, 2020.
- BUELL, Lawrence. *The environmental imagination: Thoreau, nature writing, and the formation of American culture*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CONLEY, Verena Andermatt. *Ecocriticism and the world system*. Chicago: University of Chicago Press, 2011.
- DIAS, Genebaldo de Freitas. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo: Gaia, 2004.
- GARRARD, Greg. *Ecocriticism: a critical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. São Paulo: Editora 34, 1990.
- GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (Org.). *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Athens: University of Georgia Press, 1996.
- NASCIMENTO, Sílvia Regina. *Ecocrítica e literatura: a natureza em foco*. São Paulo: Cortez, 2012.

PLUMWOOD, Val. **Feminism and the mastery of nature**. London: Routledge, 1993.

SHIVA, Vandana. **Staying alive: women, ecology and development**. London: Zed Books, 1988.

WESTLING, Louise. *The greening of literary studies: a reader*. Athens: University of Georgia Press, 1996.